

O ato de brincar como controle social de corpos

MARCOS AURELIO DO CARMO ALVARENGA¹;
ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS (CO-ORIENTADORA)²;
ANGELA RAFFIN POHLMANN (ORIENTADORA)³

¹Universidade Federal de Pelotas – marcosaurelioca.8@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eleonoracamposdamottasantos2@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ato de brincar nos proporciona diversas possibilidades de imaginar e reimaginar o universo à nossa volta, nele podemos extravasar toda nossa subjetividade e anseios. No brincar o indivíduo tem a oportunidade de se divertir, e aprender, mas quando pensamos sobre a aprendizagem na brincadeira, ela pode ou não ser o objetivo central da atividade, mas nunca deixa de existir em todo o processo da brincadeira.

Quando brincamos, utilizamos nosso corpo como um dos componentes das brincadeiras, quase que um próprio “brinquedo”, pois é por meio deste que iremos performar a brincadeira. Segundo Walter Benjamin (2009, p. 92), “um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras”. Essa visão não se diferencia do corpo, isso é, como algo pensado a partir do prisma de um brinquedo, visto que o corpo se modifica de acordo com o que se deseja brincar; nele é possível criar todo um imaginário de formas e sons, mas isso só acontece ao olhos de quem brinca.

Ao pensar sobre o corpo como um brinquedo a partir do termo “corpo utensílio” (MAUSS, 1974) dentro da lógica capitalista, cujo corpo alienado é preparado e trabalha para reproduzir os ideais do capitalismo, nos questionamos sobre o ato de brincar como uma tecnologia de poder. Com as ideias de Michel Foucault e principalmente com o termo “tecnologia política de corpo” em suas micro-relações de poder (FOUCAULT, 1987, p. 29), compreendemos que, na sociedade capitalista, existem diversas vias que tendem a construir e pensar o corpo dentro de uma lógica de dualidade de gênero trazendo essa divisão para dentro da produção do trabalho.

Esse projeto busca investigar de que forma as brincadeiras são utilizadas como mecanismos de domesticação e controle social, através da construção da consciência do corpo e consciência dos indivíduos, dentro da lógica capitalista, e como o corpo se torna algo objetificado na lógica social em que está inserido.

2. METODOLOGIA

Para se analisar a brincadeiras na tentativa de identificar seus valores e intenções na construção de corpos e indivíduos domesticados dentro da lógica das sociedades capitalistas, essa pesquisa se propõem utilizar como método a pesquisa do tipo exploratória.

Para Gil (2002) uma pesquisa do tipo exploratória possui as seguintes características:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (p. 41)

Essa pesquisa visa analisar o problema na tentativa de identificar ou trazer à tona possíveis discursos do problema analisado, porém nem sempre este tipo de pesquisa irá proporcionar um resultado conclusivo, pois a partir dos resultados, pode surgir novas hipóteses para o mesmo problema. O interessante desse tipo de pesquisa é que as variáveis do problema se tornam flexível a partir de novos elementos que vão aparecendo no decorrer da pesquisa, não desconsiderando uma variável pelo fato da pesquisa ser totalmente fechada.

Para o desenvolver da pesquisa, serão realizadas observações das performances que serão apresentadas no desenvolvimento das brincadeiras, afim de realizar uma análise crítica mediante aos resultados obtidos por meio dos gestos, som e regras que irão aparecendo. O desenvolvimento de uma atividade qualquer irá tomar diferentes formas de acordo com o grupo que se brinca, visto que cada indivíduo traz uma certa bagagem, a qual pode influenciar o ato de brincar. Desse modo, por meio de observações, irei analisar como o corpo individual e coletivo se expressa no desenvolver das atividades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando falamos sobre "corpo" é possível vislumbrar diversas compreensões, análises e definições do que seria esta materialidade. O corpo pode ser uma massa de diversas células aglomeradas, pode ser um corpo social construído a partir de um ideário de um grupo específico, uma idéia pensada ou algo relativamente construído apenas pelo indivíduo.

Falar sobre corpo é algo extremamente complicado, visto que, de acordo com cada área de conhecimento ou linha teórica que se propõem estudar, este objeto irá tomar diferente formas de ser compreendido.

Dentro de uma concepção social, o corpo não é compreendido como algo estático, algo que possui uma única forma e modelo padrão a ser pensado e seguido. Dentro de um mesmo universo social o corpo assume diversos moldes de acordo com o seguimento em que está inserido, e a necessidade aparente de quem o utiliza, isso é, se olharmos o corpo como um "objeto" que visa externalizar toda nossa identidade. Sem com isso querer dizer que nosso corpo é um objeto a ser utilizado e descartado, ou um objeto que pode ser substituído. Neste sentido, Tilly (2014) fornece uma perfeita concepção de corpo objetificado, ao afirmar que:

Estamos sempre em nosso corpo e não podemos sair dele. Conseguimos desviar de objetos físicos ou nos afastar de indivíduos, mas nunca escapar de nossos próprios corpos. Dado que não posso retirar meu corpo de mim, ele não pode ser uma coisa do mesmo

jeito que uma mesa ou outro objeto físico. Assim, posso me movimentar e experienciar diferentes aspectos de uma coisa, mas eu sempre o estarei fazendo através do meu corpo. (p. 26)

O corpo é algo meu, algo que transmite minha “consciência corporal”, porém as influências que recebo desde o momento em que aprendo a conhecer o mundo é que irão corroborar nas ações que irei fazer com o meu corpo, ações que reconheço como minha subjetividade. Baptista (2013) traz uma compreensão de como o corpo é pensado dentro da lógica do capitalismo, onde:

O corpo é a carcaça da humanidade, sem a qual a existência individual não se realiza. É o abrigo da existência da consciência – por isso, corpo da coincidência. Se ambos são constituídos através do trabalho, mas no capitalismo o processo constitutivo do ser humano provoca alienação, fetichismo e reificação desde em todas as suas dimensões, evidenciam-se então o fato de as capacidades e a forma do corpo. O corpo é construído histórico e socialmente e, enquanto força de trabalho, é mercadoria e alienação, fetiche e reificação. (p. 153)

O corpo dentro da lógica social capitalista toma forma e consciência a partir do que Marx (2013) chama de “alienação” e “fetichismo”. Ambos irão trabalhar em conjunto afim de construir a visão de mundo do indivíduo com um corpo socialmente idealizado, a fim de ser exteriorizado no mundo. O autor coloca também que a “reificação” do corpo mercadoria na lógica de trabalho dentro das sociedades capitalistas traz um entendimento da transformação de corpo em coisa, onde a “coisa” se torna mais valorosa que a própria consciência de ser humano.

Quando pensamos em como a consciência do corpo e de indivíduo é construída não conseguimos fugir do que Foucault (1987) traz como um terreno político das relações de poder. Quem detém o poder dentro da sociedade possui a escolha do que é certo ou errado, do que deve ser seguido e do que deve ser excluído. O corpo não foge muito deste padrão, visto que dentro da sociedade, existem mecanismos de dominação que tendem a realizar controle social, na garantia de manutenção da vida social e do sistema estrutural vigente de cada sociedade.

4. CONCLUSÕES

Pretendo, no decorrer desta pesquisa, analisar o brincar como elemento de controle social, e compreender os valores atribuídos a determinados corpos e o seu valor social, bem como o que é esperado dentro da construção estrutural de cada grupo.

Todo corpo é construído historicamente, mas o que esse projeto busca compreender é como o brincar poderia se tornar uma via em que produz essa construção do corpo social de cada indivíduo em uma ação dialética em relação à lógica da sociedade capitalista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Appris, Curitiba. 2013

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação** (2ª ed.). São Paulo, SP: Duas Cidades, 2009

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Vozes, Petrópolis, 1987

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. Atlas, ed. 4, São Paulo, 2002.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAUSS, Marcel. **As técnicas Corporais**. In: Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss, v. 2, São Paulo. p. 211-233, 1974.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios- Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**. v. 8, n. 1, janeiro-junho de 2014.